

Mas o idílio durou pouco porque o caso chegou logo ao conhecimento de Sinhá-Mocinha. De pronto, a môça foi retirada para um esconderijo das vizinhanças, levando já no ventre o fruto do seu amor. Ferida na sua sensibilidade orgulhosa, Sinhá-Mocinha não podia tolerar uma semelhante união e mais revoltada ficou quando o rapaz se propôs a reparar o mal por meio do casamento. Deu-se então o desfecho trágico do drama passionai, porque a môça morreu e o rapaz sofreu com êsse fato um transtôrno psíquico, que o deixou sombrio para todo o sempre.

Tudo isso eu percebi lendo o *Eu*, sem perguntar nada a ninguém. As pesquisas que fiz foram tôdas através da obra poética de Augusto, conforme mostrarei logo mais. Convencido da verdade que a meus olhos perpassava no mundo misterioso do Pau d'Arco, escrevi o meu *Augusto dos Anjos — Razões de sua Angústia*, lançado em 1962.

Pouca gente na Paraíba deu crédito àquêle ensaio de interpretação. Nenhum letrado podia admitir uma hipótese tão absurda, pois numa terra onde todos os cochichos transpiram, êsse drama amoroso de Augusto nunca fôra sequer murmurado. José Américo não acreditou, Flóscolo da Nóbrega não acreditou, Osias Gomes não acreditou. Virgínius da Gama e Melo não acreditou. Logo, ninguém mais acreditaria. Se os cabeças pensantes da terra abanaram a sinagoga negativamente é porque estava a carecer de fundamento essa história de amor sacrificado na adolescência do poeta.

Argumentava-se mais que Órris Soares, amigo de Augusto desde os bancos do Liceu Paraibano, nada disse do sombrio caso de amor no prefácio que fez para a segunda edição do *Eu*, tirada na Paraíba, em 1920. Evidentemente, não diria, mesmo que soubesse, primeiro, porque era amigo da família, segundo, porque era ainda cedo para uma tal revelação.

Todos os que vieram depois de Órris se escudaram em Órris, mas é bom notar que Órris fez apenas o elogio do amigo, sem descer a exame crítico de sua obra. Fez trabalho panegírico, como panegírico é o de José Américo de Almeida, Raul Machado, Santos Neto, De Castro e Silva, Humberto Nóbrega, Ademar Vidal e João Lira Filho, para só mencionar os autores paraibanos.

José Américo de Almeida também foi amigo de Augusto e seu contemporâneo na Faculdade de Direito do Recife, formando-se um ano depois do poeta. A amizade continuou além dos bancos acadêmicos, até que Augusto deixou de vez a Pa-